

OBRAS DE GRACILIANO RAMOS

CAETÉS – romance  
SÃO BERNARDO – romance  
ANGÚSTIA – romance  
VIDAS SECAS – romance  
INFÂNCIA – memórias  
INSÔNIA – contos  
MEMÓRIAS DO CÁRCERE – memórias  
VIAGEM – impressões sobre a Tcheco-Eslováquia e a URSS  
LINHAS TORTAS – crônicas  
VIVENTES DAS ALAGOAS – crônicas  
ALEXANDRE E OUTROS HERÓIS – (“Histórias de Alexandre”, “A Terra dos Meninos Pelados” e “Pequena História da República”).

LINHAS TORTAS (crônicas) – (obra póstuma) – S. Paulo, 1962; 2ª ed. S. Paulo, 1967; 3ª ed. Rio, S. Paulo, Record, 1975; 4ª ed. Rio, S. Paulo, Record, 1976; 5ª ed. Rio, S. Paulo, Record, 1977; 6ª ed. Rio, S. Paulo, Record, 1978; 7ª ed. Rio, S. Paulo, Record, 1979; 8ª ed. Rio, S. Paulo, Record, 1980.

Traduzido para o francês, inglês, italiano, russo, tcheco, polonês, alemão, espanhol, húngaro, búlgaro, rumeno, finlandês e holandês.

GRACILIANO RAMOS

# LINHAS TORTAS



**EDITORA RECORD**

## O fator econômico no romance brasileiro

A leitura dos romances brasileiros, até dos melhores, quase sempre nos dá a impressão de que os nossos escritores não conseguem fazer senão trabalhos incompletos. Sem nos deixarmos vencer pelo pessimismo que nos leva a olhar com desconfiança a obra de arte nacional, pessimismo às vezes interrompido bruscamente por acessos de exaltação ingênua, meio infantil, devemos reconhecer que nos trabalhos de ficção brasileiros falta alguma coisa.

A mania indígena de se comparar o literato cá da terra a um figurão estrangeiro, hábito inocente e antigo, sempre em moda, é apenas um meio de fazer crítica e não deve ser tomada a sério.

Perguntamos com desânimo se estamos condenados a ver surgirem nas vitrinas livros que fazem barulho e em menos de um ano morrem e se enterram, a elogiar outros que um patriotismo vesgo afirma serem ótimos e ninguém lê.

Prudente de Moraes Neto me dizia há alguns anos que atribuía a deficiência dos nossos romances à escassez de material romanceável. Discordei. Se o mal fosse de natureza objetiva, estaríamos definitivamente perdidos, a menos que o meio se transformasse. Não devia ser isso.

Faltava-nos naquele tempo, e ainda hoje nos falta, a observação cuidadosa dos fatos que devem contribuir para a formação da obra de arte. Numa coisa complexa como o romance o desconhecimento desses fatos acaba prejudicando os caracteres e tornando a narrativa inverossímil.

Parece-nos que romancistas mais ou menos reputados julgaram certos estudos indignos de atenção e imaginaram poder livrar-se deles. Assim, abandonaram a outras profundidades tudo quanto se refere à economia. Em consequência disso, fizeram uma construção de cima para baixo,

ocuparam-se de questões sociais e questões políticas, sem notar que elas dependiam de outras mais profundas, que não podiam deixar de ser examinadas.

Talvez os amadores que falam tanto em Balzac e fingem imitá-lo não hajam percebido que este escritor em um só livro estuda a fabricação do papel, a imprensa de Paris, casas editoras, teatros, restaurantes, oficinas de impressão, etc. Levantada essa base econômica, é que principia a mota, militares, negociantes, prostitutas e ladrões, jornalistas que ainda nos encham de admiração. Mesmo as figuras exageradas, que resvalam para o folhetim, familiarizam-se com as outras: o jogo, a finança, a indústria, o comércio, aquele mundo de negócios, tudo as conduz para a realidade, quase para a atualidade, apesar de se terem afastado muito de nós, de se haverem iluminado com velas de cera e viajado em diligências.

Os romancistas brasileiros, ocupados com a política, de ordinário esquecem a produção, desdenham o número, são inimigos de estatísticas. Excetuando-se as primeiras obras de José Lins do Rêgo e as últimas de Jorge Amado, em que assistimos à decadência da família rural, queda motivada pela vitória da exploração gringa sobre os engenhos de bangüê e as fazendas de cacau, o que temos são criações mais ou menos arbitrárias, complicações psicológicas, às vezes um lirismo atordoante, espécie de morfina, poesia adocicada, musica de palavras.

Lendo certas novelas, temos o desejo de perguntar de que vivem as suas personagens. Está claro que os autores não conseguem furtar-se a algumas explicações referentes a este assunto, mas fazem-no como quem toca em matéria desagradável, percebemos que eles se repugnam e não querem deter-se em minúcias.

Um cidadão é capitalista. Muito bem. Ficamos sem saber donde lhe veio o capital e de que maneira o utiliza. Outro é agricultor. Não visita as plantações, ignoramos como se entende com os moradores se a safra lhe deu lucro. O terceiro é operário. Nunca o vemos na fábrica, sabemos que trabalha porque nos afirmam que isto acontece mas os seus músculos nos aparecem ordinariamente em repouso.

Não surpreendemos essas pessoas no ato de criar riqueza. A riqueza surge criada, como nas histórias maravilhosas, faz-nos pensar no deserto, onde o povo eleito recebia alimento do céu. Torna-se irreal, misteriosa — e o mistério transmitem-se aos indivíduos que circulam e a maior parte dos livros nacionais.

Não me refiro, está claro, às combinações pacientes e caprichosas de vocábulos sonoros, infelizes quebra-cabeças do tempo em que um sujeito, sem nunca sair do Rio de Janeiro, descrevia sertões absolutamente desconhecidos, quando não se aventurava a mais longas viagens pelo Egito e pela Índia. Tudo aí é falso, naturalmente, e hoje nos espantamos de que alguém se tenha dedicado a essas composições. Espantamo-nos porque vivemos numa época de lutas e dificuldades horríveis, mal pensamos que no princípio do século os homens tinham vagar para divertimentos inúteis.

Refiro-me à literatura nascida nestes últimos anos, diferente da que existia na pasmaceira anterior à outra guerra, diferente em quantidade e em qualidade.

Testemunhas do conflito em que se debatem o capital e o trabalho, os romancistas brasileiros nos apresentam ora o capitalista, ora o trabalhador, mas as relações entre as duas classes ordinariamente não se percebem. Temos de um lado hábitos elegantes, sutilezas, conversações corretas, nada parecidas às que ouvimos na rua, insatisfação, torturas complicadas que a gente vulgar não pode sentir; do outro lado, bastante miséria, ódio e desejo de vingança.

Ignoramos, porém, se os sofrimentos daqueles homens requintados têm uma origem puramente religiosa ou se eles criam desgostos por falta de ocupação.

E, não tendo visto o operário no serviço, dificilmente acreditamos que ele manifeste ódio a um patrão invisível e queira vingar-se. Em *Suor*, de Jorge Amado, as personagens descansam ou se exercitam nos movimentos de greve, e em *Jubiabá* mexe-se uma gente vagabunda, que vive de pequenos furtos e contrabandos. O trabalho aparece aí quase como um prazer e torna meio inconsequente esse livro notável, que tem passagens como a sentinela de defuntos, uma das melhores páginas escritas no Brasil.

Procuramos a razão da indiferença, dos nossos escritores para os assuntos de natureza econômica. Talvez isso se relacione com as dificuldades em que se acham quase todos num país onde a profissão literária ainda é uma remota possibilidade e os artistas em geral se livram da fome entrando no funcionalismo público. Constrangidos pelo orçamento mesquinho, esses maus funcionários buscam na ficção um refúgio e esquecem voluntariamente as preocupações que os acabrunham. Sendo assim, temos de admitir que são exatamente cuidados excessivos de ordem econômica que lhes tiram o gosto de observar os fatos relativos à produção. O que eles produzem rende pouco, rende uma insignificância, e é possível que não queiram pensar nisso.

Acontece que alguns escritores se habituem a utilizar em romance apenas coisas de natureza subjetiva. Provavelmente há o receio de que, sendo comércio e indústria, oferta e procura, etc. vistos muito de perto, a questão social venha à baila. Deve existir também um pouco do velho preconceito medieval que jogava para um plano secundário os produtores.

Como quer que seja, vemos aqui nos livros uma pequena humanidade incompleta, humanidade que às vezes sente e pensa, mas é absolutamente desprovida das necessidades essenciais. Com certeza os nossos autores dirão que não desejam ser fotógrafos, não têm o intuito de reproduzir com fidelidade o que se passa na vida. Mas então por que põem nomes de gente nas suas idéias, por que as vestem, fazem que elas andem e falem, tenham alegrias e dores?

Pode efetivamente haver grandeza nesses monstros, mais é inegável que são monstros. Abandonando os fatos objetivos, investigando exclusivamente o interior dos seus tipos, alguns escritores geraram uma fauna de seres estranhos em que há um pouco de homens, muito de espíritos e demônios.

Afinal essas complicações internas escapam ao leitor comum e apenas despertam a curiosidade das pessoas mais ou menos monstruosas. E às vezes fazem que gênios se embaracem para resolver questões miúdas, facilmente liquidáveis por sujeitos medíocres que tenham os seus negócios bem arrumados.

Foi o que sucedeu a Dostoievski na parte relativa à situação financeira das personagens de *Crime e Castigo*. Raskolnikoff e a irmã, Sônia e o resto da família do bêbedo estão arrasados, dificilmente poderiam continuar a figurar na história. Nesse ponto surge Svidrigailoff e suicida-se, deixando aos necessitados o dinheiro preciso para o romance acabar. Certamente Svidrigailoff morreu direito e teve antes o cuidado de passar a noite num pesadelo que é uma verdadeira maravilha, mas isto não impede que ele haja dado cabo da vida expressamente com o fim de deixar alguns milhares de rublos àquela gente sem recursos.

É possível que esse nobre exemplo tenha contribuído para que certos romancistas vejam apenas metade de um homem. Essa metade pode crescer muito, pode ser a metade de um gigante, mas será sempre metade, e isto não nos agrada.

Deixemos de parte as inteligências capazes de forjar humanidade diferente da nossa, humanidade de hospícios, cheia de aberrações, seres semelhantes às figuras mitológicas que representam animais e homens num corpo só. O lado humano confunde-se com um deus, o lado animal é qualquer coisa parecida com o diabo. Mas há desequilíbrio. Às vezes a divindade pesa demais, outras vezes o inferno prevalece.

Queremos a fusão dessas idealizações loucas. Somos criaturas medíocres, nem deuses nem diabos. E não nos interessa, fora das obras eternas feitas por degenerados extraordinários, a representação de anomalias. Leitores comuns e perfeitamente equilibrados, buscamos na arte figuras vivas, imagens de sonho; tipos que se comportem como toda a gente, não nos mostrem ações e idéias que brigam com as nossas.

Está visto que não desejamos reportagens, embora certas reportagens sejam excelentes. De ordinário, entrando em romance, elas deixam de ser jornal e não chegam a constituir literatura. É inútil copiar bilhetes, pedaços de noticiário, recibos, anúncios e cartazes.

Mas se essas cópias nos desagradam, mais desagradáveis achamos a imitação de obras exóticas, que nenhuma relação têm conosco. Simulando horror excessivo ao regional, alguns romancistas pretendem tornar-se à pressa universais. Não há, porém, sinal de que o universo principie



a interessar-se pelas nossas letras, enquanto nós nos interessamos demais por ele e voluntariamente desconhecemos o que aqui se passa.

Para sermos completamente humanos, necessitamos estudar as coisas nacionais, estudá-las de baixo para cima. Não podemos tratar convenientemente das relações sociais e políticas, se esquecemos a estrutura econômica da região que desejamos apresentar em livro.

Quando um negociante toca fogo na casa, devemos procurar o motivo deste lamentável acontecimento, não contentar-lo como se ele fosse apenas um arranjo indispensável ao desenvolvimento da história que narramos. Se um cavalheiro mata os filhos e se suicida é bom não afirmarmos precipitadamente que ele endoideceu: vamos tomar informações, tentar saber em que se ocupava o homem, que ordenado tinha, quanto devia à dona da pensão. Geralmente ninguém queima o negócio nem se suicida à toa.

Dizer que um ato reprovável foi praticado porque o seu autor obedeceu a impulso irresistível é pouco: isto satisfaz o leitor de notas policiais. Seria razoável que tentassem descobrir a causa do impulso, não se limitassem a apresentar-nos o comerciante incendiário como desonesto, o assassino como um sujeito perverso ou louco.

Admitimos sem esforço a desonestidade e a loucura, mas precisamos saber porque elas existem, não queremos que sejam presentes do escritor as personagens. O romancista não é nenhum deus para tirar criaturas vivas da cabeça.

Romanceando por exemplo o crime e a loucura, está visto que ele deve visitar os seus heróis na cadeia e no hospício, mas, se quiser realizar obra completa, precisa conhecê-los antes de chegar aí, acompanhá-los na fábrica ou na loja, no escritório ou no campo de plantação. Necessariamente o ofício dos seus homens deve ter contribuído para que as coisas se passassem desta ou daquela forma.

É intuitivo que o negociante deitou fogo ao estabelecimento porque os seus lucros se reduziam. Digam-nos como se operou a redução.

E o indivíduo que matou os filhos e deu um tiro na cabeça? De que se alimentava esse malvado, a que gênero de trabalho se dedicava? Certamente ele é um malvado.

Mas a obrigação do romancista não é condenar nem perdoar a malvadez: é analisá-la, explicá-la. Sem ódios, sem idéias preconcebidas, que não somos moralistas.

Estamos diante de um fato. Vamos estudá-lo friamente.

Parece que este advérbio não será bem recebido. A frieza convém aos homens de ciência. O artista deve ser quente, exaltado. E mentiroso.

Não sei por quê. Acho que o artista deve procurar dizer a verdade. Não a grande verdade, naturalmente. Pequenas verdades, essas que são nossas conhecidas.

15 de julho de 1945.